



O Santuário

Raymond Khoury

**A
AGIR**

Para minhas maravilhosas filhas,
meus elixires particulares.
Não há pai mais orgulhoso no mundo.

Quando um renomado cientista afirma que algo é possível, quase sempre tem razão. Quando afirma que algo é impossível, muito provavelmente está errado.

- Arthur C. Clarke

Tempus edax, homo edacior.

[O tempo devora, o homem devora ainda mais.]

- Antigo dito popular romano

Prólogo

I

Nápoles - novembro de 1749

O rangido parecia bem distante, mas ainda assim foi o suficiente para despertá-lo. Não era tão forte a ponto de acordar alguém que dormisse profundamente, mas, a bem da verdade, há anos ele não dormia bem.

Era como se fosse um ruído de metal roçando contra uma pedra.

Podia não ser nada. Um ruído insignificante. Um dos servos levantando-se mais cedo para começar o dia antes dos outros.

Talvez.

Por outro lado, podia ser algo ruim. Como uma espada. Arranhando acidentalmente uma parede.

"Tem alguém aqui."

Ele se sentou, ouvidos atentos. Tudo ficou absolutamente quieto por um instante. Então, ouviu outra coisa.

Passos.

Subindo sorrateiramente os frios degraus de pedra.

No limiar de sua consciência, mas sem dúvida estavam lá.

E se aproximavam.

Ele pulou da cama e foi até a porta que conduzia à pequena varanda do outro lado da lareira. Puxou a cortina para o lado, abriu silenciosamente a porta e saiu, se esgueirando, para o ar cortante da noite. O inverno estava se

aproximando rapidamente, e seus pés descalços se enregelaram ao tocar o chão frio de pedras. Inclinando-se sobre o parapeito, olhou para baixo. O pátio do palácio estava uma escuridão total. Fixou o olhar, buscando um reflexo, o vislumbre de um movimento, mas não conseguiu perceber qualquer sinal de vida lá embaixo. Não havia cavalos, carruagens, camareiros ou servos. Do outro lado da rua e mais além, percebia-se com dificuldade o esboço das outras casas, realçadas pelos primeiros clarões da alvorada que despontava por trás do Vesúvio. Ele já havia assistido várias vezes a outros nasceres do sol atrás do vulcão, acompanhados pelo sinistro rastro de fumaça. Era uma vista inspiradora e majestosa, que quase sempre lhe trazia consolo quando nada mais o fazia.

Mas essa noite era diferente. Podia sentir algo estranho no ar.

Voltou correndo para dentro e vestiu-se, sem perder tempo em abotoar a camisa. Havia coisas mais urgentes. Precipitou-se para a cômoda, abrindo a primeira gaveta. Seus dedos tinham acabado de se fechar em volta do cabo do punhal quando a porta do quarto se abriu violentamente e três homens entraram. Suas espadas estavam desembainhadas. À luz oscilante das brasas morrendo na lareira, pôde ver também que o homem do meio empunhava uma pistola.

A luz foi suficiente para que o reconhecesse. E soube instantaneamente do que se tratava.

- Não faça nada de que possa se arrepender, Montferrat - disse o homem que chefiava o ataque.

O homem que atendia pelo nome de marquês de Montferrat ergueu os braços com calma e afastou-se cuidadosamente da cômoda. Os intrusos o cercaram, agitando ameaçadoramente as lâminas diante de seu rosto.

- O que estão fazendo aqui? - perguntou cautelosamente.

Raimondo di Sangro embainhou a espada e colocou a pistola na mesa. Apanhou uma cadeira e a lançou em direção ao marquês. Ao atingir uma ranhura do chão, ela caiu ruidosamente.

- Sente-se - grunhiu. - Creio que isso vai levar algum tempo.

Com os olhos fixos em Di Sangro, Montferrat endireitou a cadeira e sentou-se de maneira hesitante.

- O que o senhor deseja?

Di Sangro curvou-se em direção à lareira e, com uma tocha, acendeu uma

lanterna de querosene. Colocou-a sobre a mesa e pegou de novo a pistola, com a qual acenou para que os homens saíssem. Eles assentiram e deixaram o quarto, fechando a porta. Di Sangro puxou outra cadeira e sentou-se em frente à sua presa.

- O senhor sabe muito bem o que quero, Montferrat - respondeu, mirando-o ameaçadoramente com a pistola de cano duplo enquanto o estudava. - E pode começar por seu verdadeiro nome - acrescentou acidamente.

- Meu verdadeiro nome?

- Vamos deixar de brincadeiras, marquese. - Pronunciou a última palavra de forma debochada, o rosto cheio de condescendência. - Conferi suas cartas de nobreza. São falsas. Na verdade, nenhum dos vagos fragmentos que o senhor forneceu sobre seu passado desde que chegou aqui parece ser verdadeiro.

Montferrat sabia que seu acusador detinha todos os recursos necessários para fazer essas investigações. Raimondo di Sangro herdara o título de príncipe di San Severo ao completar 16 anos, após a morte de seus dois irmãos, e contava com o jovem rei espanhol de Nápoles e da Sicília, Carlos VII, entre seus muitos amigos e admiradores.

"Como pude interpretar esse homem tão mal assim?", pensou Montferrat com um horror crescente. "Como pude interpretar tão mal este lugar?"

Depois de anos de tormento e dúvidas, ele finalmente abandonara sua busca no Oriente e retornara à Europa menos de um ano antes, chegando a Nápoles por Constantinopla e Veneza. Não quisera se estabelecer na cidade. Seu plano era prosseguir até Messina, tomar um navio para a Espanha e, talvez, voltar para casa em Portugal.

Parou ao pensar nisso.

Casa.

Uma palavra destinada aos outros, não a ele. Uma palavra oca, vazia, que o passar do tempo destituíra inteiramente de qualquer significado.

Nápoles lhe permitira esquecer os pensamentos de rendição. Sob os vice-reis espanhóis, tinha chegado a ser a segunda cidade da Europa, depois de Paris. Fazia também parte de uma Europa que ele estava descobrindo, uma Europa diferente da que deixara para trás. Era uma terra onde as idéias do Iluminismo conduziam os povos a um novo futuro, idéias que Carlos VII conhecera e alimentara em Nápoles, concepções que tinham patrocinado o

discurso, o aprendizado e o debate cultural. O rei criara uma Biblioteca Nacional, assim como um Museu Arqueológico, para conservar as relíquias escavadas nas cidades soterradas recentemente descobertas, Herculano e Pompéia. O que o fascinava ainda mais era o fato de o rei ser hostil à Inquisição, que fora a maldição da vida pregressa de Montferrat. Cansado da influência dos jesuítas, o rei os neutralizara com cautela, para não suscitar a ira do papa.

Desse modo, ele voltou ao nome que tinha usado em Veneza alguns anos antes, marquês de Montferrat. Fora bastante fácil perder-se dentro daquela cidade cosmopolita, entre seus inúmeros turistas. Muitas cidades tinham fundado academias para abrigar o fluxo contínuo de viajantes que vinham escavar as cidades romanas recentemente descobertas. Em pouco tempo, estava se reunindo com intelectuais locais ou oriundos de toda a Europa, homens que partilhavam sua mente inquisitiva.

Homens como Raimondo di Sangro.

Sem dúvida, uma mente inquisitiva.

- Todas essas mentiras... - continuou Di Sangro, verificando sua pistola, observando Montferrat com uma faísca de cobiça mal disfarçada no olhar. - E, no entanto, de maneira intrigante e bastante estranha, essa querida velha dama, a Condessa di Czergy, afirma que o conhecia pelo mesmo nome quando estava em Veneza, Montferrat... Há quantos anos mesmo? Trinta? Mais?

O nome atravessou o falso marquês como uma lâmina. "Ele sabe. Não, não pode saber. Mas desconfia".

- Claro que a cabeça da pobre senhora não é mais o que costumava ser. Os desgastes do tempo alcançarão a nós todos, no final, não é mesmo? - insistiu Di Sangro. - Mas, no que diz respeito ao senhor, ela foi tão insistente, tão clara, tão resoluta e inflexível ao dizer que não estava enganada... que era difícil atribuir suas palavras aos desvarios desiludidos de uma pessoa idosa. Daí, descobri que o senhor falava árabe como um nativo. Que conhecia Constantinopla como a palma de sua mão e que viajara por todo o Oriente, disfarçando-se, impecavelmente, foi o que me disseram, de xeque árabe. Mistérios demais para um só homem, marquese. Isso desafia a lógica. Ou a crença.

Montferrat estremeceu, censurando-se por ter considerado aquele homem

um espírito irmão, um aliado potencial. Por testá-lo, sondá-lo, ainda que disfarçadamente.

Sim, tinha julgado muito mal aquele homem. Mas, pensou, talvez fosse o destino. Talvez fosse mesmo a hora de desvendar seus segredos, hora de deixar que o mundo os conhecesse. Talvez aquele homem pudesse encontrar um jeito nobre, magnânimo, de lidar com tudo aquilo.

Os olhos de Di Sangro se fixaram nele, estudando cada expressão de seu rosto.

- Ora, vamos. Tive que sair da cama a esta hora apenas para ouvir sua história, marquese - disse, altivamente. - E, para ser franco, não dou a mínima para quem o senhor é ou de onde vem. Só quero saber seu segredo.

Montferrat encarou seu inquisidor diretamente.

- O senhor não quer saber isso, príncipe. Confie em mim. Isso não é uma dádiva para homem nenhum. É uma maldição pura e simples. Uma maldição sem trégua.

Di Sangro não pareceu se comover.

- Por que não deixa que eu mesmo julgue isso?

Montferrat se inclinou.

- O senhor tem uma família - disse, com voz vazia e distante. - Uma esposa. Filhos. O rei é seu amigo. O que mais um homem pode desejar?

A resposta veio rapidamente.

- Mais. Do mesmo.

Montferrat sacudiu a cabeça.

- O senhor devia deixar as coisas como estão.

Di Sangro aproximou-se do prisioneiro. Seus olhos brilhavam com fervor messiânico.

- Ouça-me bem, marquese. Esta cidade, este desprezível menino-rei... isso não é nada. Se o que suspeito que o senhor sabe for verdade, podemos ser imperadores. Não entende isso? As pessoas venderiam suas almas por isso. O falso marquês não duvidou disso nem por um segundo.

- É justamente o que me dá medo.

A respiração de Di Sangro tornou-se pesada de frustração, enquanto ele tentava avaliar a determinação daquele homem. Baixou os olhos quando pensou distinguir algo no peito de Montferrat que chamou sua atenção. Inclinou-se ameaçadoramente para mais perto e estendeu-se sobre a mesa,

puxando um medalhão que pendia de uma corrente no peito do falso marquês. A mão de Montferrat se ergueu e agarrou o pulso de Di Sangro, imobilizando-o, mas o príncipe rapidamente engatilhou sua pistola. Lentamente, Montferrat soltou o braço de Di Sangro. O príncipe segurou o medalhão entre os dedos por alguns momentos e, de repente, arrancou-o do pescoço de Montferrat, arrebatando a corrente. Aproximou o medalhão dos olhos, examinando-o de perto.

Era uma peça simples, redonda, fundida em bronze, como uma grande moeda, com um pouco mais de dois dedos de diâmetro. A face ostentava um único desenho, uma cobra enrolada como um anel, cuja cabeça ficava em cima do círculo formado por seu próprio corpo.

A serpente devorava o próprio rabo.

O príncipe olhou para Montferrat com expressão interrogativa. Os olhos endurecidos do falso marquês nada deixavam transparecer.

- Estou cansado de esperar, marquese - sussurrou Di Sangro, ameaçadoramente. - Estou cansado de tentar dar sentido a tudo isso - disse ele com a voz seca, enquanto seus dedos se fechavam em torno do medalhão e o sacudiam em direção a Montferrat -, cansado de suas observações enigmáticas, de tentar ler através de suas referências esotéricas. Estou farto de ouvir relatórios sobre as perguntas que o senhor faz a certos intelectuais e viajantes e de juntar o que agora sei ser verdade sobre o senhor. Quero saber. Exijo saber. Então, deixo-lhe uma escolha. Ou me conta agora o que desejo saber ou leva seu segredo para o túmulo. - Ele aproximou ainda mais a pistola. O cano duplo pairava agora a centímetros do rosto do prisioneiro. Di Sangro deixou a ameaça pairar no ar por alguns segundos. Depois acrescentou: - Mas, se sua decisão for morrer aqui esta noite e levar seu conhecimento junto, peço que considere uma questão: o que lhe dá o direito de nos privar disso, de deixar o mundo no desprezo e na ignorância? O que fez o senhor para merecer o direito de fazer essa escolha em nome de todos nós?

A pergunta que o homem fizera muitas vezes a si mesmo, que assombrara toda sua existência.

Num passado longínquo, outro homem, um homem idoso que ele vira morrer, um amigo cuja morte - a seus olhos - ele chegara até a apressar, tinha feito essa escolha por ele. Com a respiração ofegante de uma pessoa à

beira da morte, seu amigo o espantara ao lhe dizer que, apesar das ações odiosas e deploráveis de Montferrat, podia ver dúvidas e reticências em seu olhar. De algum modo, o velho homem tinha certeza de que a coragem, a nobreza e a honestidade daquele jovem estavam lá, profundamente enterradas, sufocadas por um senso de dever mal orientado. Em sua hora mais sombria, aquele amigo conseguira ver comprometimento e propósito na vida daquele jovem, algo a que o falso marquês há muito renunciara. E, com isso, vieram a aceitação, a revelação e a missão que iriam consumir o resto da vida de Montferrat.

Alguém fizera aquela escolha por ele. O direito de decidir lhe fora legado por alguém com muito mais méritos do que ele jamais imaginara ter.

Mas ficara surpreso consigo mesmo.

Tinha dado o melhor de si, tentara o máximo para descobrir o que continham as páginas que faltavam ao códice, para arrancar os segredos perdidos daquele antigo livro.

Conseguira escapar de seus acusadores em Portugal. Procurara na Espanha e em Roma. Viajara a Constantinopla e mais além, até o Oriente. Mas não achara coisa alguma que fizesse sua busca progredir.

Ele falhara.

Pensou que a volta à terra natal o ajudaria a saber qual seria o próximo passo. A intervenção de Di Sangro contribuíra para interromper tudo isso. Na neblina que envolvia sua mente, uma coisa brilhava com certeza: tratar com desprezo o homem sentado diante dele e mantê-lo na ignorância era uma escolha que ele faria alegremente.

Quanto ao resto do mundo... bem, isso era outra coisa.

- Então? - cortou Di Sangro, com a mão vacilando um pouco pelo peso da pistola.

O homem que chamava a si mesmo de Montferrat pulou da cadeira e jogou-se sobre o adversário, agarrando e empurrando a pistola para trás ao mesmo tempo que Di Sangro puxava o gatilho. O tiro explodiu com um barulho ensurdecedor, enquanto ambos lutavam pela posse da pistola. A bala de chumbo saíra do cano superior e, zunindo no ouvido de Montferrat, se cravara no revestimento de madeira que cobria a parede atrás dele. Os dois homens caíram sobre a mesa ao lado da lareira, ainda lutando pela posse da arma, quando a porta do quarto se abriu com um estrondo. Os

capangas de Di Sangro avançaram com as espadas levantadas. Montferrat aproveitou a distração momentânea que viu nos olhos do adversário, atingindo o príncipe com uma violenta cotovelada, que o pegou na altura da garganta. Este recuou com o golpe, afrouxando a pressão sobre a arma o bastante para que Montferrat pudesse arrancá-la de suas mãos. Montferrat empurrou o príncipe para longe, levantou a pistola, engatilhou a arma ao se afastar do primeiro capanga, que já vinha para cima dele, e disparou. A bala atingiu o homem no peito, fazendo-o virar-se de lado e cair aos pés de Montferrat.

Montferrat jogou a pistola vazia sobre o segundo atacante e rapidamente agarrou a espada do homem caído. O príncipe tinha se recomposto um pouco e, apesar de ainda vacilar sobre os pés, desembainhou a própria espada.

- Não o matem - sussurrou, aproximando-se de seu capanga. - Preciso dele vivo... por enquanto.

Montferrat empunhou a espada com ambas as mãos, segurando-a defensivamente, manejando-a para os lados a fim de manter seus adversários a distância. Os dois homens a sua frente estavam impacientes e, pela sua experiência, o equilíbrio era uma arma tão eficaz quanto a espada. Esperaria que eles cometessem um erro. O capanga estava louco para provar seu valor e avançou, descuidado. Montferrat bloqueou o golpe com a espada e seu pé atingiu a coxa do homem com toda a força. Ele uivou de dor e, de canto de olho, Montferrat notou que o príncipe recuara, atento. Decidiu concentrar a atenção no capanga e girou a espada, fazendo-a chocar-se em cheio contra a lâmina do homem vacilante e arrancando-a de sua mão. O príncipe gritou de raiva e avançou, interrompendo Montferrat, cuja espada precisava se voltar para o outro lado. Montferrat conseguiu chutar o primeiro atacante antes de se virar para enfrentar Di Sangro. O homem cambaleou para trás, batendo na mesa e caindo dentro da grande lareira. Fagulhas e brasas se levantaram do fogo e ele gritou de dor por ter usado a mão para evitar a queda. Montferrat viu a manga do homem pegar fogo, ao mesmo tempo que a lanterna, que caíra da mesa, incendiava o tapete.

As chamas do tapete lamberam com fúria as pesadas cortinas de veludo, incendiando-as inteiramente, enquanto o falso marquês lutava para

defender os novos golpes de Di Sangro. O calor e a fumaça no quarto eram infernais. O príncipe lutava impiedosamente e surpreendeu Montferrat com um golpe feroz, que tirou a espada de suas mãos. Montferrat recuou, tentando evitar o gume da espada de Di Sangro, muito próxima a seu pescoço. Através da fumaça que invadia o quarto, percebeu que o facínora com a mão queimada conseguira apagar as chamas de seu casaco e tentava voltar ao combate. O homem moveu-se para o lado, posicionando-se junto à porta do quarto, impedindo qualquer tentativa de fuga por parte de Montferrat.

Montferrat sabia perfeitamente que estava vencido pelo número de inimigos e pela quantidade de armas.

Olhando nervosamente para os lados, decidiu aproveitar a única possibilidade de retirada. Levantou as mãos e moveu-se em direção à cortina incendiada, os olhos cravados nos de Di Sangro.

- Precisamos apagar esse incêndio antes que se espalhe pelos outros andares - gritou Montferrat, com os pés girando cautelosamente em direção às cortinas.

- Que se danem os outros andares - respondeu Di Sangro -, desde que as chamas não devorem o que o senhor sabe.

Montferrat conseguiu abrir caminho até as cortinas em chamas. O casaco do capanga jazia ali, fumegante. Montferrat entrou em ação. Agarrou o casaco e usou-o para proteger as mãos ao atravessar as chamas e arrancou as cortinas dos trilhos, jogando-as sobre Di Sangro e seu laçao. O casaco caiu pesadamente sobre o homem do príncipe, que gritou de terror, tentando apagar as chamas que lhe queimavam o corpo. As chamas o envolveram até que conseguiu jogar o casaco no chão, criando uma barreira de fogo entre eles e o inimigo. Montferrat não esperou. Abriu a porta da varanda e desapareceu na noite.

Depois do intenso calor, o ar gelado vindo da baía atingiu o quarto como uma bofetada. Olhando rapidamente para dentro, viu Di Sangro e o laçao pisando febrilmente nas chamas e virando-se para segui-lo. Di Sangro olhou para Montferrat, que acenou com a cabeça, e, com o coração na boca, subiu pelas grades da varanda, e atirou-se de lá.

Aterrissou na varanda do quarto do andar de baixo. A queda enviou um choque de dor através da boca e dos dentes até a cabeça. Sacudindo-a, ele

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

